

Diálogo com Ateu

Em cada ser humano há traços de Deus

“Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1 Jo 4, 8).



Leonardo Núñez de M Reis
Bacharelado em Teologia na PUC-Rio
leonardo.reis@gmail.com

Se analisarmos, de uma maneira ampla, a vivência religiosa, ou melhor, a relação que as pessoas estão estabelecendo atualmente com o sagrado, percebemos basicamente três modos diferentes de relacionamento: fundamentalismo religioso, indiferentismo religioso ou ateísmo (que hoje está cada vez mais forte e com suas razões, muito provavelmente, devido às duas outras alternativas apresentadas).

Talvez devido à falta de segurança trazida pela cultura globalizada atual, onde temos contato com diversas formas de religiões ou religiosidades, somado ao pouco conhecimento e estudo sobre a sua própria religião e ao medo de perder a sua identidade, nesse cenário aparentemente incerto e nebuloso, surgem, provavelmente em todas as religiões existentes, correntes fundamentalistas. Grupos de indivíduos que praticam e interpretam seus escritos sagrados ou seus legados religiosos de forma literal, afastando-se, na maioria das vezes, da intencionalidade primária desses mesmos conteúdos doutrinários que estão interpretando. Tornam-se indivíduos severos, na maioria das vezes sem alegria, extremamente críticos consigo mesmo e com o outro. A religião torna-se um grande peso em suas vidas e sua relação com o sagrado ou com “deus” é vista para conseguir proteção ou bênçãos.

Nos dias atuais, também, percebemos o crescimento de práticas religiosas vividas de forma mais relativizadas, onde seus membros praticam e experimentam aquilo que lhes dá mais prazer. Algumas vezes vivenciadas dentro de um sincretismo religioso, ou seja, pessoas que frequentam e praticam mais de uma religião, mesmo se estas se contradizem. Com isso, a religiosidade continua crescente hoje em dia, mas as religiões tradicionais, sobretudo as cristãs históricas, diminuem.

Nesse cenário conturbado, assistimos ao crescimento do ateísmo em toda a parte do mundo. Não mais um ateísmo ativista, que tenta provar que Deus não existe, mas que simplesmente crê que Ele não existe e que não é necessário para que o ser humano tenha “bons princípios”, uma vez que estes fazem parte da natureza humana. E esse pensamento tem seu fundo de verdade, sobretudo quando presenciamos, infelizmente, não de forma rara, pessoas religiosas se matando, não sendo solidárias e fazendo declarações, insultos e discriminando o próximo em nome da sua religião. Não precisamos ir muito longe, pois a grande maioria dos marginais, assassinos e traficantes são pessoas extremamente religiosas, creem em Deus e cometem as maiores barbáries.

Esta discussão é muito mais complexa e ampla do que a maneira como a apresentamos. Porém, já conseguimos obter alguns pontos interessantes para refletirmos. Dentre eles, é notória a necessidade que nós religiosos temos de estabelecer um diálogo com as pessoas que dizem que não acreditam em Deus. Não no intuito de fazê-las a todo custo mudar de opinião (embora esta possibilidade não deva ser descartada), nem de verificarmos quem está com a razão, nem, muito menos, para deixarmos de crer em Deus, mas no intuito de aprender também com elas.

Primeiramente, devemos quebrar o preconceito que ainda existe na mente de muitas pessoas, que acham: quem não acredita em Deus é uma pessoa desumana, esquisita, extremamente materialista, egoísta, sem esperança e que não possui princípios morais, enfim, uma pessoa pecadora e condenada para sempre.



Em seguida, temos que aprender a ouvir seus argumentos e suas críticas, mesmo que, às vezes, as críticas sejam duras e agressivas, não devemos descartá-las logo, refutando-as com mais agressividade ou simplesmente não querendo ouvi-las. Porque essas críticas, muitas vezes, podem nos ajudar a crescer e a termos atitudes e práticas religiosas mais condizentes com os princípios da fé que professamos.

Em setembro de 2009, publiquei, junto com o Pe. Marcelo, um trabalho intitulado: **“usar” Deus para atender as nossas vontades e aos nossos caprichos** “Uma espiritualidade sem Deus e a centralidade do ser humano na antropologia cristã”, em um simpósio internacional, onde dialogamos com o pensamento de um filósofo contemporâneo que propõe uma espiritualidade atea (sem Deus!). Neste trabalho, apontamos um ponto em comum entre os crentes e não crentes, que é a experiência da contemplação profunda, a experiência mística.

Quando somos capazes de fazer da nossa religião um meio e não um fim para adentrar no mistério de Deus, quando não usamos mais a religião como amuleto ou fuga, quando quebramos a relação de troca entre nós e Deus (faço certas orações ou rituais para conseguir algo em troca), quando deixamos de tentar “usar” Deus para atender as nossas vontades e aos nossos caprichos, quando mergulhamos no mais profundo do mistério de Deus, onde a gratuidade do seu amor é o que sobressai, começamos a caminhar em direção a uma espiritualidade madura e a vivenciar

as mesmas experiências que qualquer ser humano, independentemente de crer ou não em Deus, é capaz de fazer.

É no silêncio do inexplicável, do insubstituível, do inexprimível, onde Deus não é mais imposto, possibilitando vivenciar uma acolhida do seu amor através da abertura livre e gratuita de cada um, que todos somos capazes de falar e vivenciar a mesma coisa, pois em cada um de nós existe essa possibilidade de ir além, de transcender, mesmo não crendo em Deus. Em cada ser humano, há traços de Deus, com isso, todos nós somos capazes de vivenciar uma espiritualidade mais profunda de transcender crendo ou não em Deus. Isso não invalida a importância da religião, desde que esta seja um meio para conduzir a essa experiência no mistério de Deus, mas nos leva a perceber que todos nós somos capazes de fazer a mesma experiência e ter um ponto de diálogo e de vivência em comum.

Sendo assim, num mundo tão plural, há que se conviver com a diversidade. Até mesmo com uma espiritualidade para ateus. Da parte dos cristãos, resta a importante missão de fazer transparecer sempre mais a autenticidade da sua fé, da sua mística e espiritualidade comprometidos com a realidade do mundo de hoje. Sempre tendo em mente a passagem da primeira carta de São João: “Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4, 8).



Em 6 de março, na cidade de Teresina(PI), a CNBB, em parceria com a Comissão para a Missão Continental, lançou a Campanha Nacional **“PROJETO 1 MILHÃO DE BÍBLIAS,”** com o tema: **“Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os...”** e o lema: **“Discípulos e Servidores da Palavra de Deus.”** O objetivo da campanha é levar a Palavra de Deus a todos no Brasil, que não têm condições de comprar a Bíblia. A leitura orante da Bíblia é a alma da Missão Continental.



A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos(ECT) lançou um selo em homenagem a ZILDA ARNS, vítima do terremoto em Haiti, em 12 de janeiro de 2010. O lançamento aconteceu em 24 de março na Catedral de Curitiba(PR). A tiragem foi de 600 mil exemplares e o valor facial é de R\$1, 45. No selo, o rosto da missionária divide o espaço com o desenho de famílias e com o coração branco que representa a paz. Dentro dele, a frase: **“Para que todas as crianças tenham vida.”** Embaixo do coração, uma criança com os braços abertos em sinal de vitória.

